

«Uma incrível história de coragem e compaixão.»

KIRKUS REVIEWS

SELMA VAN DE PERRE

O MEU

NOME

É

SELMA



As MEMÓRIAS MARCANTES de uma
COMBATENTE JUDIA DA RESISTÊNCIA e SOBREVIVENTE
do CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE RAVENSBRÜCK

▼ o g a i s

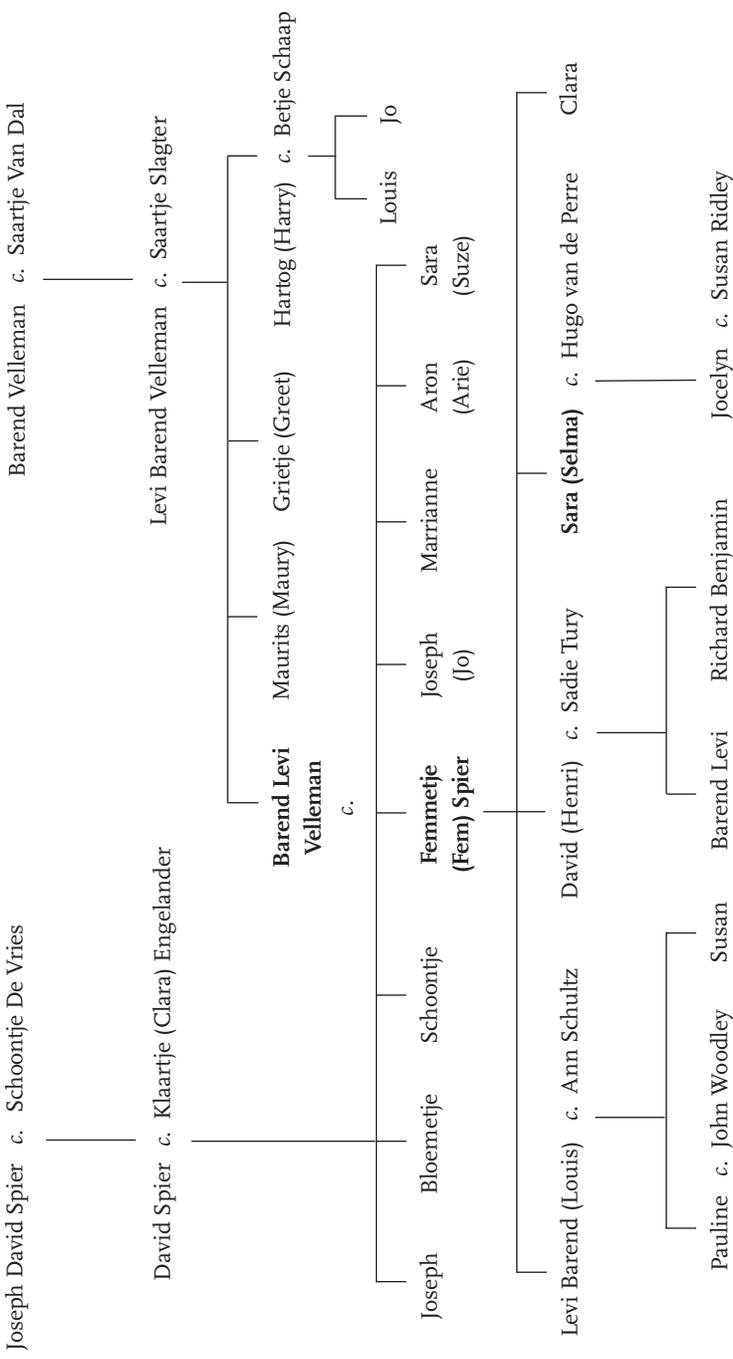
Para os meus pais e a minha irmã

Índice

Prólogo	9
1 O Artista e a Modista-Chapeleira: <i>A Minha Família</i>	13
2 Saltar Valas: <i>A Minha Infância</i>	23
3 Cidadãos de Segunda Classe: <i>A Ocupação</i>	39
4 Longe de Casa: <i>Uma Família na Clandestinidade</i>	57
5 Cabelo Descolorado: <i>Na Resistência</i>	83
6 Gavetas Secretas: <i>A Minha Prisão</i>	123
7 Macacão Azul: <i>O Campo de Vught</i>	137
8 A Passagem para a Morte: <i>Ravensbrück</i>	147
9 O Meu Verdadeiro Nome: <i>A Libertação</i>	177
10 Viver a Vida: <i>Londres</i>	203
11 Recordar os Mortos	215
Epílogo	223

Lado da mãe – Família Spier

Lado do pai – Família Velleman



Prólogo

6 de setembro de 1944 [para Greet Brinkhuis]

Querida Gretchen,

Estou num vagão de gado com 12 pessoas, em Vught. Suponho que com destino a Sachsenhausen ou Ravensbrück. Conserva o ânimo. Eu farei o mesmo, embora deseje que o fim já não demore. Vou atirar esta nota por uma fenda na parede do comboio. Adeus, minha querida.

Beijos, Marga

Mandaram-nos reunir as nossas escovas de dentes e outros pertences e esperar lá fora. Era óbvio que íamos ser levadas para outro lugar, mas para onde? Não sabíamos. Pensei que seria mais seguro ficar no campo de Vught do que partir para o desconhecido, por isso decidi esconder-me debaixo de um colchão. Deixei as outras mulheres irem à frente e fiquei para trás nas casernas, mas não fui suficientemente rápida. A guarda da SS — a *Aufseherin* — apareceu quando eu ainda estava só meio encoberta. Ordenou-me que me despachasse, arrastou-me lá para fora pelo braço e empurrou-me para o último vagão. Este

ligeiro atraso resultou em meu benefício: ainda não estavam nele muitas mulheres. Os outros estavam sobrelotados e as pobres mulheres que os ocupavam — incluindo as minhas amigas do campo — passaram os três dias seguintes a viajar em condições terríveis.

Seguiam somente umas 12 mulheres no meu vagão. Não conhecia nenhuma. Algumas eram bastante jovens, com 20 e poucos anos, como eu. Não eram prisioneiras políticas, como eu, mas «associais», tendo feito algo de que os alemães não gostaram. Perceberam que eu era diferente — instruída e por aí em diante. Muitas delas eram prostitutas que haviam sido reunidas para serem tratadas por doenças venéreas.

No campo, costumavam trabalhar na cozinha e tinham conseguido infiltrar uma grande caixa de pão e salsichas no comboio, além de uma barrica de sopa. Foi um grande golpe de sorte; soube que os outros vagões não dispunham de tais provisões. Porém, quando começaram a disputar a comida — algumas queriam começar a consumi-la de imediato —, percebi que aquelas mulheres, claramente, não valorizavam a sua boa sorte.

Presumíamos que estávamos a caminho de um lugar qualquer na Alemanha, mas tendo em conta que não sabíamos quanto tempo demoraria a viagem, pensei que seria sensato racionar os víveres. Expliquei cautelosamente isto às outras mulheres e, felizmente, elas ouviram. Pediram-me que fosse eu a distribuir a comida e honrou-me fazê-lo. Com uma concha, reparti a sopa, cortei o pão e a salsicha às fatias e elas viram que eu fazia o melhor que podia para dar a todas uma porção igual.

Havia espaço suficiente para que todas nos sentássemos no chão do vagão e algumas ainda tinham também um bocadinho de parede a que se encostar. Não conversávamos muito. As raparigas da cozinha conferenciavam entre si, já se conhecendo.

Com a passagem do tempo, tornaram-se mais amistosas para comigo, partilhando provisões e papel higiénico, por exemplo. E nesse papel eu rabisquei apressadamente uma nota para a minha boa amiga em Amesterdão, Greet Brinkhuis.

Disse-lhe que estava num comboio, provavelmente a caminho da Alemanha. Quando parámos na primeira estação — a última povoação nos Países Baixos antes de entrarmos de facto na Alemanha —, meti o papel por uma frincha entre as tábuas da parede do vagão. Embora fosse extremamente improvável que a mensagem lhe chegasse alguma vez, valia a pena tentar.

A viagem pareceu interminável, até mesmo para nós, que íamos naquele último e privilegiado vagão. Sentia-me ansiosa, mas havia também um sentimento de que a guerra já não se prolongaria por muito mais tempo. Sabíamos que os Aliados já estavam na fronteira. Sabia que não podia fazer nada que alterasse o que estava a acontecer, por isso tentei não me afligir demasiado. Simplesmente, não servia de nada.

Dormimos no chão de madeira nua do compartimento. Era desconfortável, mas deve ter sido muitíssimo pior para as minhas amigas nos outros vagões, com 50 ou 60 pessoas comprimidas em cada um, que nem sequer teriam podido sentar-se. E não teriam comida nenhuma. Embora não tivesse noção disso na altura, eu tivera sorte.

Ao fim de três dias e duas noites trancadas no comboio, chegámos ao nosso destino a 8 de setembro. As portas de correr do vagão de gado abriram-se e tivemos o primeiro vislumbre do que posteriormente viemos a saber ser Ravensbrück. Ironicamente, aquele lugar sinistro e medonho situa-se junto a um grande lago — o Schwedtsee —, numa paisagem lindíssima; mas não víamos nada disso. Os homens da SS que nos aguardavam na plataforma tinham com eles cães enormes

e brandiam chicotes. Os cães ladravam e os homens, tal como as guardas — as *Aufseherinnen* —, gritavam-nos para que saíssemos do vagão.

«*Schnell, schnell, schnell! Heraus, heraus, heraus!*»

Rápido, rápido, rápido! Para fora, para fora, para fora!

Estávamos apavoradas.

O Artista e a Modista-Chapeleira: *A Minha Família*

Estou aqui sentada, na minha casa tranquila em Londres, a olhar para uma fotografia tirada em 1940. Nela estão a minha mãe, a minha irmã mais nova e eu. Descansávamos no jardim da tia Sara em Amesterdão que, naquela altura, era ainda um lugar pacífico. A minha mãe, a quem chamávamos afetuosamente Mams, tinha então 51 anos, a minha irmã Clara 12 e eu 18. É um instantâneo quotidiano de uma família vulgar; estávamos a passar uma tarde agradável, a desfrutar do jardim na companhia umas das outras. Uma imagem modelo de tempo em família: terno, seguro, confortável e previsível. Não há nos nossos rostos sombra do que estava para vir nos três anos que se seguiram: as mortes do meu pai, da minha mãe e de Clara; da minha avó; da tia Sara, do marido dela, Arie, e dos dois filhos de ambos; e também de muitos outros membros da família.

Nenhuma dessas mortes se deveu a causas naturais ou acidentais. Resultaram das atrocidades que já se vinham a propagar pela Europa quando a fotografia foi tirada e que em breve se infiltrariam nos Países Baixos. Antes desses acontecimentos

catastróficos, não tínhamos consciência do privilégio que era levar uma vida anónima. Mal posso ainda acreditar que pessoas que deviam ter permanecido banais acabaram por ser celebradas em listas e monumentos porque foram vítimas do assassinio em massa mais sistemático que o mundo alguma vez conheceu.

Como a maioria das pessoas, nasci numa família comum cujas experiências apenas mereciam a atenção dos envolvidos. O meu avô materno, Levi Velleman, era negociante de antiguidades em Schagen. Tinha ali uma loja e outra em Haarlem, mas nunca foi um homem abastado. A minha avó materna, Saartje Velleman (Slagter, em solteira), era dona de casa, como a maioria das mulheres do seu tempo, embora não se enquadrasse perfeitamente nesse estereótipo, porque não era muito boa na função. Era um caso perdido na cozinha e nas limpezas, e a filha mais velha dela, a minha tia Greta, disse-me que a casa estava sempre uma lástima, com roupas atiradas ao acaso para gavetas, fazendo com que ninguém conseguisse encontrar o que quer que fosse. Havia uma criada residente que fazia todo o trabalho pesado, mas à medida que a tia Greta foi crescendo, assumiu cada vez mais responsabilidade pelas tarefas domésticas em geral e cuidava das irmãs e irmãos mais novos.

O meu pai, Barend Levi Velleman, primeiro filho de Levi e Saartje, nasceu a 10 de abril de 1889. A vinda dele ao mundo, bem-sucedida, foi provavelmente um alívio para o avô, cuja primeira mulher — Betje — morrera durante o parto, seguindo-se-lhe quatro dias depois o bebé, a quem também haviam chamado Barend. Os Velleman chamavam ao primogénito masculino de cada geração Barend Levi e Levi Barend, alternadamente, porque eram descendentes da tribo bíblica de Levi.

O avô Velleman devia estar muito ansioso por constituir família, porque a 20 de junho de 1888, volvidos somente quatro meses da morte da primeira mulher, casou com a avó. Saartje, cinco anos e meio mais velha do que ele, tinha 30 anos quando o meu pai nasceu, o que nesse tempo era considerado uma idade avançada para ter o primeiro filho. Saartje, porém, era uma mulher forte: teve dez filhos no total, o último quando chegara aos 43 anos. Sobreviveu por muitos anos ao meu avô, que morreu em 1923, com 58 anos. Quem sabe que idade propecta poderia ter alcançado se não tivesse sido assassinada em Auschwitz com 83 anos, a 28 de setembro de 1942, um par de semanas apenas antes de o meu pai, filho dela, ser também morto.

A chegada de um filho saudável era motivo de celebração. No entanto, até as famílias perfeitamente normais passam por traumas e, para o meu pai, a sensação de ser acarinhado depressa se extinguiu. A 16 de abril de 1892, quando ele tinha 3 anos, nasceu a irmã Greta. Um dia, quando Saartje estava a mudar a fralda de Greta, bateram à porta. Saartje foi abrir, deixando ficar o pequeno Barend com a bebé. Quando voltou, Greta estava no chão, a chorar. Saartje culpou o meu pai e presumiu que ele empurrara a irmãzinha da mesa num acesso de ciúmes. Mais tarde, a tia Greta disse que provavelmente fora ela que rolara, mas talvez a avó tivesse razão. Como acontece com tantas histórias de família, nunca saberemos a verdade. De qualquer modo, o meu pai foi mandado viver com os avós paternos. Passou o resto da infância com eles em Alkmaar, onde cresceu mais ou menos como se fosse filho e não neto.

É difícil compreender como pôde a avó renunciar assim ao seu primogénito, mas três meses após o nascimento de Greta ela já estava de novo grávida, por isso talvez cuidar de uma criança pequena ao mesmo tempo que uma bebé, enquanto

trazia outro no ventre, fosse demasiado. Logo à partida, organizar uma casa não era o forte dela, e deve ter sido um alívio que algumas das suas responsabilidades passassem a estar a cargo de outrem. De qualquer modo, os avós do meu pai ficaram muito satisfeitos por o terem a viver com eles.

À medida que a família continuou a aumentar, o meu pai ficou em Alkmaar, enquanto os seus pais e sete irmãs e irmãos mais novos sobreviventes permaneciam juntos. Ser o único excluído da família fê-lo sentir-se terrivelmente rejeitado. O exílio precoce deixou-o intratável para o resto da vida; nunca perdoou a mãe por não o acolher de novo. Embora tenha tido contacto com ela durante a infância, em adulto recusou falar-lhe durante muitos anos.

Não conheci a família dele até quase ao fim da minha adolescência, com exceção do tio Harry, um dos irmãos mais novos do meu pai com quem se manteve em contacto. Suponho que ele tinha ocasionalmente notícias dos seus outros irmãos, embora nunca falasse disso. Eu tinha curiosidade acerca deles, mas o afastamento fazia de tal maneira parte da nossa vida em família que era para mim um dado adquirido e não pensava mais no assunto.

Em 1941, quando eu tinha 19 anos, esta situação chegou ao fim. Um dia, tocaram à campainha e fui abrir. Na soleira estava uma mulher elegante trajada de preto, com o cabelo arranjado num penteado alto.

— O teu pai está em casa? — perguntou.

Fui buscar o pai.

— Mãe! — gritou ele.

Fiquei a assistir, espantada.

Eu estava muito satisfeita por conhecer novos membros da família, e sobretudo por conhecer a tia Greta, porque toda a

gente sempre dissera que eu me parecia com ela, tanto na fisionomia como nas atitudes. A princípio, eu vira a comparação como um insulto, sabendo que o meu pai guardava ressentimento por ela, mas afinal ela era uma mulher encantadora. Veio a sobreviver à guerra porque era casada com um cristão e foi um prazer visitá-la depois da libertação.

A avó perguntou ao meu pai se eu podia ir com ela para visitar uma das suas outras netas, a minha prima Sarah, que fora colocada num lar para crianças muito conhecido nos arredores de Amesterdão. Fizemos juntas a viagem de comboio e Sarah e eu tornámo-nos grandes amigas. Era realmente adorável ter mais família à minha volta. A oportunidade de restabelecer o relacionamento com a família do meu pai era para nós muito importante. O amor torna a vida digna de ser vivida e eu acreditava que a avó estava a tentar fazer as pazes antes que fosse demasiado tarde.

Tragicamente, os pequenos passos que tínhamos dado para sarar a fratura foram abruptamente interrompidos antes de termos conseguido muito mais do que uma aproximação. Em 1942, a avó — que ainda vivia sozinha em Haarlem — foi obrigada a mudar-se para uma casa de repouso judaica em Amesterdão. A Mams, a Clara e eu íamos visitá-la todas as semanas, mas mais para o fim desse ano todos os residentes da casa foram enviados para o campo de trânsito de Westerbork. Daí, foram transportados para Auschwitz e assassinados.

A casa de repouso foi simplesmente despojada de tudo. Na altura não soubemos o que acontecera e não pudemos despedir-nos dela. A avó tinha desaparecido. Não sei em que data precisa a transportaram, mas foi provavelmente pouco tempo antes de ter morrido. Nessa altura, havia tanta confusão entre a comunidade judaica que era difícil controlar onde

estava toda a gente, incluindo os membros mais chegados da família. Só depois da guerra vim a descobrir o destino dela. Um dos irmãos mais novos do meu pai dissera que ela tinha morrido em Westerbork, mas quando consultei as listas, vi que fora assassinada em Auschwitz a 28 de setembro de 1942.

O meu bisavô tinha uma fábrica para onde os trapeiros levavam os farrapos para serem transformados em papel. O negócio corria bem e o meu pai estava a colher os benefícios da prosperidade relativa do seu avô. Era um rapaz inteligente que saltara alguns anos na escola e a família tinha expectativas elevadas para ele. Frequentou uma escola secundária pública até que, aos 17 anos, foi enviado para uma *yeshiva* (uma escola talmúdica) em Amesterdão. Os avós dele eram pessoas devotas e estavam determinados a que ele seguisse uma carreira religiosa. Tinha uma boa voz de tenor e eles queriam que ele se tornasse chantre de sinagoga ou rabino.

No entanto, o meu pai tinha ideias muito diferentes: fora sempre sua ambição dedicar-se ao teatro. Na adolescência, dirigira peças que eram interpretadas por amigos e familiares — não só nas festas para entreter a família, mas também em eventos comunitários. Recordo-me de uma crítica num jornal local que continha frases como «trabalho notável do jovem Barend Velleman». Ele estava completamente apaixonado por aquilo e revelava um verdadeiro talento.

Sempre rebelde em rapaz, renunciou à fé que desempenhava um papel tão importante na vida dos avós. Na *yeshiva*, questionava constantemente os professores sobre temas religiosos. Estavam desesperados com ele, porque não era suficientemente obediente à doutrina judaica. Era óbvio que ele não fora talhado para ser rabino. Foi mandado para casa por duas vezes e, em ambas as ocasiões, o avô souvo-o, mas levou-o de volta para a escola.

Então, o meu pai tomou o assunto nas suas próprias mãos e usou o dinheiro que tinha para comprar um bilhete do barco que fazia a travessia para Inglaterra. O meu bisavô foi à polícia e pediu-lhes que trouxessem de volta o neto, que ainda era menor. Quer eles tenham ou não feito diligências, o meu pai acabou mesmo por ser obrigado a voltar para casa. Depois disso, os meus bisavôs perceberam que estavam a desperdiçar o seu tempo e o seu dinheiro ao esperarem que o meu pai seguisse uma vocação religiosa.

O meu pai entrou imediatamente para o teatro, onde trabalhou com o nome Ben Velmon, e a partir daí ganhou o seu sustento na indústria do entretenimento. Trabalhou como ator, cantor e apresentador de espetáculos de variedades.

Durante a Primeira Guerra Mundial, um milhão de belgas fugira para os Países Baixos, onde ficaram em campos. Depois do conflito, voltaram para as suas aldeias e cidades, que haviam sido em grande parte destruídas, mas enquanto os refugiados belgas permaneceram nos campos holandeses, o meu pai organizou espetáculos para eles. Alguns jovens cantores e comediantes entre eles, que usara nos seus espetáculos e encorajara, vieram a tornar-se famosos. Para mostrar a sua gratidão, os refugiados fundiram algum do seu ouro e mandaram fazer um belo anel com sinete, tendo gravadas as iniciais do meu pai. Lamentavelmente, o anel desapareceu durante a Segunda Guerra Mundial.

Foi uma vida empolgante, mas muito insegura, obrigando a nossa família a uma existência nómada. Mudávamos frequentemente de casa por causa das flutuações no rendimento dele — vivendo por vezes numa pobreza abjeta, noutras em relativa prosperidade —, mas o meu pai fazia aquilo que adorava e eu tinha muito orgulho nele.

☆

O nome completo da minha mãe era Femmetje, mas ninguém na família lhe chamava isso. Foi sempre conhecida por Fem. Nasceu a 10 de agosto de 1889 em Alkmaar, filha de David e Clara Spier. Sendo a do meio de sete filhos, tinha três irmãs e três irmãos. O avô tinha uma grande loja de vestuário e quinquilharia em Alkmaar, e mais tarde abriu outra em Den Helder.

Os pais da minha mãe encontravam-se regularmente com os avós do meu pai para jogar às cartas. O meu pai era bom jogador e juntava-se muitas vezes a eles, enquanto a minha mãe servia o chá. Foi assim que ficaram a conhecer-se. Quando o meu pai foi mandado para a *yeshiva* em Amesterdão, a Mams decidiu ir atrás dele e engendrou uma estratégia inteligente.

Perguntou aos pais se podia ter formação para se tornar modista de chapéus. Uns amigos dos pais dela tinham uma oficina em Amesterdão onde produziam magníficos chapéus da moda e a Mams tornou-se aprendiz deles. Com conhecimentos de moda e retosaria, não é de admirar que ela optasse pela confeção de chapéus, embora as mulheres da família Spier nunca tivessem permissão para seguir uma verdadeira carreira comercial; só produziam chapéus e roupas para a família, além de executarem as suas tarefas domésticas quotidianas. Claro que a verdadeira razão para a partida dela para Amesterdão foi o meu pai. Ele visitava-a regularmente na casa onde estava alojada e, quando ele saiu da *yeshiva*, casaram em Alkmaar, a 21 de março de 1911.

A 29 de dezembro de 1911, nasceu-lhes o primeiro filho: o meu irmão mais velho, Louis. O nome oficial dele era Levi Barend — como o do pai do meu pai —, mas chamávamos-lhe sempre Louis. Dois anos depois, a 26 de dezembro de 1913, chegou o meu irmão David. Entretanto, o meu pai obteve

sucesso a atuar em muitos dos maiores teatros dos Países Baixos, e ele, a Mams e os meus irmãos viviam numa casa elegante em 445 Prinsengracht. Nessa família e nessas condições prósperas, a 7 de junho de 1922, nasceu uma rapariguinha no hospital Wilhelmina Gasthuis. Era eu: Selma Velleman.

2

Saltar Valas: *A Minha Infância*

Quando nasci, o meu pai andava em digressão pela Europa e decidiu transferir a família para Zandvoort, no norte dos Países Baixos, para ficar perto do mar, onde o ar era mais salubre do que em Amesterdão, principalmente para benefício das crianças. Era já uma das estâncias de spa mais conhecidas do país.

Mudámo-nos para lá quando eu tinha duas semanas de idade e lá ficámos até aos meus 4 anos. Claro que não me recordo de grande coisa desse tempo, mas sei que o meu irmão David me empurrava muitas vezes pela areia num carrinho de mão quando eu tinha cerca de 1 ano, pois havia fotografias da família que o mostravam. Tristemente, essas fotografias desapareceram durante a guerra, como tantas outras coisas.

Em 1926 mudámo-nos para Alkmaar. A digressão europeia do meu pai já terminara e provavelmente ele estava sem trabalho. Poderia parecer uma existência incerta para uma jovem família, mas eu beneficieei dela quando a guerra pôs fim a qualquer forma de estabilidade. Nunca fui de ficar vinculada a um lugar em particular ou de ter dificuldades em me adaptar

à mudança, e tenho a certeza de que isso me ajudou a lidar com os acontecimentos aterradores e imprevisíveis que se seguiriam.

A nossa magnífica casa em Alkmaar ficava na extremidade de uma fila de moradias geminadas, rodeada por prados e uma vala. Naquela rua viviam várias outras crianças e todas gostávamos de brincar ao ar livre. Um dia, as crianças mais velhas estavam a saltar por cima da vala e, embora eu só tivesse 4 anos, queria tentar também; fui sempre uma criança ousada. Claro que era demasiado pequena para conseguir transpor a vala e caí na água. As outras crianças fizeram uma tal algazarra que o barbeiro da esquina veio a correr e pescou-me da água com uma vara comprida. Nesses tempos inocentes e pacíficos, um pequeno incidente desse tipo causava muito alvoroço. As pessoas falaram e troçaram daquilo dias a fio. Recordo-me também da alegria que sentia em menina quando corria com os meus amigos para o mercado de queijo depois da escola, onde estavam os comerciantes com as suas grandes rodas de queijo. Com um longo provador pontiagudo, eles retiravam uma amostra e partiam-na em pedacinhos para nós provarmos.

Todos os domingos, visitávamos a minha bisavó na casa onde o meu pai vivera até se casar. Eu era mesmo muito nova, por isso não me lembro praticamente de nada dela, mas ainda consigo visualizá-la sentada à cabeça de uma comprida mesa com uma grande cafeteira de café por cima de uma velinha. As roupas dela eram sempre pretas e usava uma touca de renda atada por baixo do queixo. Os meus pais conversavam com ela enquanto a governanta, Roos Meyboom, a quem chamávamos tia Roos, me levava para a cozinha para comer uma fatia de bolo ou alguns doces.

A tia Roos era uma governanta leal e cuidou sempre muito bem dos meus bisavós. Gostava especialmente do meu pai, que

de certa maneira ela própria criara. Quando a minha bisavó morreu, a 12 de dezembro de 1926, a tia Roos foi viver connosco para ser minha ama. O quarto dela ficava ao lado do meu e, todas as manhãs, eu esgueirava-me para a cama dela e ela contava-me histórias enquanto o resto da casa dormia.

Certa manhã, fui como de costume para o quarto da tia Roos e vi que tinham posto uma cadeira à frente da porta dela. Parecia estranho, mas limitei-me a empurrá-la para o lado e, como costumava fazer, subi para a cama para me juntar a ela. Logo que me meti debaixo das cobertas, fiquei muito confusa: a cama estava habitualmente tão quente e acolhedora, e agora estava fria, assim como a tia Roos. Não percebi porque não falava ela comigo, por mais que eu pedinhasse uma história.

Quando a minha mãe me foi buscar e eu lhe disse que a tia Roos estava fria, ela explicou-me que a tia Roos morreria durante a noite. Tinham posto a cadeira em frente à porta para tentar impedir-me de entrar. Não estou certa do ano em que isso aconteceu, mas foi provavelmente cerca de 1927, quando eu tinha 5 anos. Foi o meu primeiro encontro com a morte.

Foi também em 1927 que deixámos a nossa bela casa em Alkmaar e nos mudámos para um apartamento por cima de um grande café no centro da cidade. Foi claramente um retrocesso, por isso não devia haver muito dinheiro a entrar na altura.

Um dia, a irmã mais nova da minha mãe, a tia Suze, foi visitar-nos. Ao passearmos pela cidade, passámos por uma loja com uma bonita cadeira de criança na montra. Era redonda e feita de verga. Foi amor à primeira vista. Eu queria-a tanto, mas a minha mãe disse que era impossível. A minha tia disse que a compraria para mim e a minha mãe protestou. A tia Suze não quis saber, entrou na loja e comprou-a. Fiquei radiante. Era um presente de vulto para uma criança cujos pais já não se podiam

permitir grandes despesas. Adorava sentar-me naquela cadeirinha e conservei-a afetuosamente por muito tempo.

Embora não tivéssemos contacto com a família do meu pai, víamos com muita frequência os irmãos e as irmãs da Mams, e eu era muito chegada a eles. Claro que a tia Suze passou a ser a minha favorita depois de me oferecer a cadeira. Tragicamente, ela morreu volvidos apenas dois anos, de uma peritonite que fora erroneamente diagnosticada como dores menstruais. Era casada com Jacques Limburg, amigo e colega de teatro do meu pai, e deixou um filho, Loutje, que tinha apenas 6 anos.

Depois da morte de Suze, o tio Jacques foi persuadido a mudar Loutje para Leida, para viver com o irmão da minha mãe, Joop, e a sua mulher, Jet. Sentiu-se que eles poderiam proporcionar-lhe uma vida melhor do que um viúvo e estavam ansiosos por cuidar dele.

Afinal, por uma qualquer razão, o tio Joop e a tia Jet não ficaram com Loutje, e ele foi internado num lar para crianças a cuja direção eles pertenciam. Não sei ao certo a razão: talvez ele não conseguisse integrar-se, tendo perdido a mãe e sido levado para longe do pai, ou talvez pensassem que ele estaria melhor ao pé de outras crianças. Eu não conseguia imaginar ser separada dos meus pais.

Em 1928, logo depois do Ano Novo, chegou a altura de nos mudarmos outra vez, de regresso a Amesterdão. Nessa altura vivemos em verdadeira pobreza. Não éramos elegíveis para apoio social porque só se podia reclamá-lo se se tivesse vivido em Amesterdão pelo menos um ano, e nós tínhamos estado fora. Também não pudemos aproveitar a ajuda oferecida pela sinagoga, porque não éramos religiosos.

O nosso primeiro apartamento na cidade foi em Ambonstraat, no lado oriental da cidade, mas não conseguimos suportar

a renda e tivemos de sair. A Mams estava com uma gravidez avançada, por isso um amigo artista acolheu-nos. Ele próprio tinha filhos, o que significava que não havia espaço para o meu pai e os meus irmãos, que ficaram nas proximidades com outro amigo do teatro.

A 3 de abril de 1928, enquanto vivíamos com os nossos amigos, a minha irmãzinha Clara nasceu no hospital. Felizmente, o meu pai conseguiu encontrar rapidamente um apartamento num bairro judeu, por isso acabámos por só viver com eles durante uma semana. A Mams contou-me que o pai dissera que éramos uma família e devíamos viver juntos, acontecesse o que acontecesse, o que mostrava o anseio dele por uma vida afetuosa em família depois das experiências que tivera.

Todas as segundas-feiras, na minha escola primária, as crianças tinham de pagar a propina, mas não pudemos fazê-lo por sermos tão pobres. Eu entrava lá todas as semanas e dizia que me esquecera do dinheiro. Todas as semanas eu tinha de ficar de pé num canto como castigo. Nunca me esquecerei da injustiça. Os professores deviam saber o que se passava realmente — acontecia todas as semanas. Embora eu admita que devia ser difícil para outros compreender a que ponto éramos pobres, porque eu andava sempre muito bem vestida. A minha tia de Leida enviava-nos roupas quando deixavam de servir à sua própria filha, Klaartje, que tinha mais cinco ou seis anos do que eu. A Mams fazia um trabalho excelente a ajustá-las e recordo-me até de um professor me dizer: «O quê, já com outro casaco novo?»

Portanto, à distância, era provável que as pessoas pensassem que vivíamos relativamente bem. A nossa vizinha, todavia, sabia como éramos pobres, porque um dia, muito amavelmente, deu-nos uma banana, que a minha mãe esmagou para

a Clara. Eu olhei para aquilo com desejos e foi-me dada uma colherzinha. Que deleite.

Viver naquela pobreza refletiu-se na minha saúde e, no ano seguinte, aos 7 anos, acordei um dia com muita febre. Comecei a gritar e depois desmaiei. Os meus pais chamaram o médico que diagnosticou pneumonia e pleurisia — inflamação das membranas da cavidade peitoral —, o que fazia com que se acumulasse líquido nos meus pulmões e em volta deles. O Dr. Antonie Menco — nunca me esquecerei do nome dele — decidiu operar de imediato e remover-me o pus do peito. Nomeou o meu pai como seu ajudante. O meu pai teve de ficar ali ao pé e aspergir líquido de uma seringa para as minhas costas enquanto o médico inseria uma agulha para retirar o fluido. O borrifo parecia de água gelada, mas entendo agora que devia ser uma anestesia local. A Mams foi instruída para me segurar bem, sem me deixar mexer.

Enquanto o médico executava o procedimento, o meu irmão mais velho, Louis, chegou a casa a cantar e assobiar, como era seu costume. «Feche a porta e pare com essa algazarra», gritou o Dr. Menco. «Quer que a sua irmã morra?»

O pobre Louis não sabia o que estava a acontecer, mas obedeceu.

O meu pai disse sempre que o Dr. Menco me salvou a vida. E enviou-lhe uma grande caixa de cigarros para lhe agradecer. Acabei por frequentar a mesma escola secundária que a filha do Dr. Menco e foi com prazer que lhe contei a história do hábil tratamento feito pelo pai.

Estive doente por muito tempo depois disso. O nosso apartamento era muito frio e húmido, o que obviamente não ajudou. Quando recuperei um pouco, fui enviada para um sanatório em Laren, na região de 't Gooi, a sudeste de Amesterdão, onde

o ar era melhor do que no centro da cidade. Pensaram que eu podia estar tuberculosa. O meu primo David Roet estava lá pela mesma razão, na ala masculina. Os pacientes eram levados todos os dias para a varanda nas suas camas de rodas, mesmo no inverno quando estava gélido e a nevar. A varanda estendia-se a todo o comprimento do sanatório e as camas das crianças eram colocadas à esquerda, as dos adultos à direita.

Um dia, o meu pai levou-me seis belos morangos, embalados numa caixa almofadada. Os morangos raramente eram importados no inverno, por isso, se se conseguisse encontrá-los, custavam uma fortuna. Eu sabia que eram um mimo muito especial e pareciam absolutamente deliciosos. Era óbvio que o meu pai estava outra vez a ganhar dinheiro e aquela era a maneira de mostrar o seu amor e me animar.

Na visita seguinte, perguntou-se se tinha gostado, e tive de confessar que não me tinham deixado comê-los. O meu pai ficou furioso e foi pedir explicações à enfermeira-chefe. Ela disse-lhe que os pacientes não estavam autorizados a ter a sua própria fruta ou doces; a política do sanatório era recolher tudo que era levado para lá e dividir por todos. Claro que seis morangos não podiam ser devidamente repartidos, por isso suspeito que algum elemento do pessoal os comeu.

De outra vez, o meu pai levou-me um grande cacho de belas bananas, uma das quais escondi antes que as restantes fossem recolhidas. Levei-a para a casa de banho para a comer à vontade. Infelizmente, uma das enfermeiras ia a passar e apanhou-me. Apertou-me o ombro com os seus grandes e fortes dedos, precisamente na zona onde eu recebera o tratamento para a pleurisia. Ainda hoje, passados mais de 90 anos, me dói quando me constipo ou dou acidentalmente uma pancada naquele sítio.

UM PODEROSO TESTEMUNHO DA LUTA CONTRA A DESUMANIDADE

Selma van de Perre tinha 17 anos quando a Segunda Guerra Mundial começou. Até então, ser judeu na Holanda não era sinónimo de perigo, mas em 1941 tornou-se uma questão de vida ou morte. Selma juntou-se ao movimento de resistência contra os nazis e durante dois anos arriscou tudo. Usando o pseudónimo Margareta van der Kuit e passando por ariana, viajou pelo país a entregar documentos, a partilhar informações e a manter o ânimo entre os colegas — fazendo, como diria mais tarde, o que «tinha que ser feito».

Em julho de 1944, a sua sorte acabou. Detida, foi transportada para o campo de concentração feminino de Ravensbrück como prisioneira política. Ninguém ali sabia que era judia. Ao contrário dos seus pais e da sua irmã — que descobriria mais tarde terem morrido noutros campos —, ela sobreviveu. Somente depois do fim da guerra é que conseguiu recuperar a sua identidade e se atreveu a voltar a dizer: o meu nome é Selma.

«É IMPOSSÍVEL NÃO FICARMOS ATÓNITOS
COM A SUA FIRMEZA E CORAGEM.»

Times Literary Supplement

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-564-557-2



9 789895 645572

História